A UTOPIA DO SÉCULO XXI: NOVOS CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

Por Tânia Margarete Mezzomo Keinert

Professora Adjunta da UFMG

E-mail: taniakeinert@face.ufmg.br



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: DESAFIO DO SÉCULO XXI

De José Eli da Veiga

Rio de Janeiro: Editora Garamond Universitária, 2006. 226 p.

Há um novo conjunto de condições sociais, políticas e tecnológicas que estão modificando de maneira significativa o modo como o desenvolvimento é produzido, reproduzido e, sobretudo, entendido no mundo atual. O livro *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI* aborda com profundidade questões conceituais relacionadas ao desenvolvimento, distinguindo-as daquelas relacionadas ao crescimento econômico, progresso e modernização. Defende a necessidade de uma nova definição da noção de desenvolvimento, relacionando-a com a idéia de sustentabilidade. A obra conta ainda com interessante prefácio do economista Ignacy Sachs, diretor do Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris e um dos principais pensadores do desenvolvimento na atualidade.

O autor, José Eli da Veiga, é professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), colaborador da coluna de opinião do jornal *Valor Econômico*, articulista do jornal *O Estado de S. Paulo* e estudioso de temas relacionados ao desenvolvimento. Outras obras relacionadas com o tema constam em seus trabalhos anteriores, como *Do global ao local* (2005), *A História não os absolverá... nem a Geografia* (2005), *Cidades Imaginárias* (2002), e *O que é reforma agrária?* (1981, e que está em sua 14ª edição).

A tese central do livro é a de que o *desenvolvimento sustentável*, com todas as ambigüidades e insuficiências inerentes à expressão, anuncia a utopia que tomará o lugar do socialismo. O autor, citando Eric Hobsbawn, afirma que cada vez mais um provável *futuro não capitalista* parece estar sendo delineado. A obra discute o conceito de sustentabilidade, recorrendo a vários autores e tendências, e apontando o pensamento de Herman Daly como "o melhor em termos qualitativos". Outro destaque é para Georgescu-Roegen, segundo o qual "a economia certamente será absorvida pela ecologia".

O trabalho procura esmiuçar o que a idéia do desenvolvimento sustentável realmente traz de novidade. Para isso, primeiro são abordadas três concepções conflitantes sobre o processo de desenvolvimento, as-

sim como dos instrumentos que já foram criados para tentar medi-lo. Em seguida, o mesmo procedimento é usado para explicitar o caráter contraditório do adjetivo sustentável, quando são apresentadas as recentes tentativas de avaliar o quanto cada território estaria distante desse ideal. Finalmente, é formulada a decorrente hipótese de que a retórica do desenvolvimento sustentável corresponde ao início da transição que superará a era industrial, inaugurando, nas sociedades mais avançadas, uma etapa histórica cujas características estão longe de ser conhecidas, e que, justamente por isso, estão sendo chamadas de "pós-industriais", "pós-modernas" ou "pós-fordistas".

A discussão sobre *desenvolvimento* visa ampliar esse conceito, que vai além da conhecida abordagem do crescimento econômico, tradicionalmente medido pelo PIB. A noção passa a ser enriquecida por outros componentes, que a relacionam ao capital humano e ao capital social, passando a ser medida com indicadores mais amplos, como educação, longevidade e saúde, resultando em índices mais complexos, como o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), desenvolvido pela ONU.

Para o autor, o desenvolvimento sustentável é a utopia a ser construída neste novo século. Como apregoava Celso Furtado, o desenvolvimento não passa de um mito, mas um mito necessário para o desenvolvimento da ciência. Mito ou utopia, a questão é demasiadamente relevante para não ser discutida.

Adicionalmente, até meados dos anos 1980, a idéia de *sustentabilidade* pertencia exclusivamente a algumas ciências naturais como a Biologia ou Ecologia, ou aplicadas, como Agronomia ou Engenharia de Pesca. No entanto, a partir de 1987, surgiu a idéia de adjetivar o conceito de desenvolvimento com a palavra *sustentável*. Assim, uma noção antes totalmente desconhecida pelas ciências sociais foi buscada para constituir a principal idéia normativa do progresso humano neste início de século.

Dessa forma, numa perspectiva mais ampla, *desenvolvimento* pode ser entendido como algo relacionado à questão da qualidade de vida e de seus determinantes, sejam eles culturais, políticos, econômicos, sociais, e até mesmo individuais. Como recorte espaço-territorial, tem sido privilegiada a abordagem *local*, referindo-se ao lugar onde se vive, seja ele urbano, rural, municipal ou regional (veja em KEINERT, T.; KARRUZ, A. P. *Qualidade de vida: observatórios, experiências e metodologias*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002).

Importante perceber as dificuldades em se trabalhar com a dimensão relativa do conceito de desenvolvimento, poucas vezes associado a indicadores não econômicos, como aqueles relacionados à formação de capital social e capital humano, a graus de participação política, de saúde e, por que não, a níveis de felicidade. Faz-se essa menção não sem considerar serem esses elementos de difícil mensuração e quantificação.

Perspectivas inovadoras têm aflorado, com freqüência, nesse esforço de redefinição do conceito de desenvolvimento, sendo a de Amartya Sen (*Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.) uma das mais desafiadoras. Referimo-nos à chamada *ética das capacidades*, a qual advoga a necessidade de serem garantidas, aos indivíduos – mais do que políticas compensatórias ou de complementação de renda –, condições de *efetivação* de possibilidades diferenciadas de existência e de crescimento pessoal.

Observa-se, por fim, que as noções de *cooperação* e *competição* são essenciais na definição de sustentabilidade. As noções ligadas à cooperação são as que subsidiam o conceito "macro" de sustentabilidade, ligado à noção de desenvolvimento sustentável. Aquelas ligadas à competição aparecem relacionadas ao uso do conceito para designar *organizações sustentáveis* (como sinônimo de competitivas). Emerge, portanto, um desafio teórico e prático para a área de pesquisa em sustentabilidade, qual seja, o de trabalhar com a hipótese de se *equilibrar competição e cooperação, ou de se construir uma organização competitiva (ou sustentável) dentro da idéia de um desenvolvimento social cooperativo (ou sustentável)*.

Nesse sentido, a obra de Veiga oferece uma importante contribuição ao localizar historicamente o surgimento e a posterior evolução dos conceitos de *desenvolvimento* e de sustentável, inicialmente isolados e posteriormente associados na expressão *desenvolvimento sustentável*. Para o autor, essa expressão deve ser entendida como uma das mais generosas surgidas no século passado, apenas comparável à idéia, bem mais antiga, de justiça social. Ambas são valores fundamentais de nossa época por exprimirem desejos coletivos enunciados pela humanidade, ao lado da paz, da democracia, da liberdade e da igualdade.

Uma nova utopia para o século XXI? Sim, se entendermos utopia no sentido filosófico, enquanto visão de futuro compartilhada por uma determinada civilização. Finalizando, citamos as palavras do autor, quando afirma que o seu novo livro é destinado às pessoas que "pressentem que o desenvolvimento sustentável é um dos mais generosos ideais da humanidade, mas que, simultaneamente, percebem que a nebulosidade e ambigüidade da expressão geram inevitáveis ilusões".